

DIVERSIDADE SEXUAL, HOMOFOBIA E DEBATE SOBRE TEORIA QUEER EM CONTEXTOS AFRICANOS: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

Izzie Madalena Santos Amancio ¹, Caterina Alessandra Rea ²

RESUMO

Este projeto conduziu um primeiro mapeamento do campo de estudo sobre práticas feministas, diversidade sexual e teoria queer em contextos africanos. Do ponto de vista teórico, nos fundamentamos nas contribuições das primeiras coletâneas de teoria Queer africana, o Queer African Reader e Reclaiming Afrikan, que reúnem contribuições de estudiosos e militantes de vários países do continente. O maior aporte destas reflexões consiste em romper com a imagem de uma África homogênea, do ponto de vista cultural e das práticas sexuais, colocando contra o muro tanto a representação da África “obsessivamente” homofóbica, perpetuada pelos países ocidentais e pelas agendas LGBT globais, quanto a representação do caráter supostamente não-africano da homossexualidade, disseminada pelos discursos essencialistas e nacionalistas de grupos religiosos locais. É para além destes discursos homogeneizantes e redutores que as construções de sexualidades e identidades de gênero não-hegemônicas proliferam no continente africano. O projeto se situa no campo filosófico e epistemológico, embora, pela temática abordada e pelas categorias propostas, se coloque em um diálogo interdisciplinar com as Humanidades. No quadro das ações PIBIC, o projeto tem o objetivo de consolidar o embasamento teórico na área, implementando oficinas de tradução dos principais textos estudados.

Palavras-chave:

Diversidade Sexual. Estudos Africanos. Estudos Queer. Feminismos. Homofobia.

¹ UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Discente, e-mail: izzie.mada@outlook.com.br

² UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras, Docente, e-mail: caterina@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

A existência da homossexualidade na África constitui, ainda hoje, uma questão polêmica e espinhosa; é enraizada em muitos intelectuais africanos e afrodescendentes, a ideia da sua inexistência na época pré-colonial. Já Frantz Fanon escreve, numa nota do seu célebre texto *Pele Negra, Máscaras Brancas*, que a homossexualidade não existe na cultura das Antilhas afrodescendentes e na África, considerando-a como uma característica dos brancos e da sociedade ocidental. Desta maneira, durante muito tempo, tanto o campo dos Estudos Pós-coloniais e dos Estudos Africanos, quanto o campo dos Estudos Queer e Feministas ignoraram a existência e a agência de sujeitos sexualmente dissidentes na África, assim como, mais recentemente, o desenvolvimento de uma produção no campo da teoria e do ativismo queer no continente. Centrados na retórica independentista, segundo a qual a primeira e única forma de dominação e de opressão é a produzida pela colonização, com seus efeitos e heranças, ainda vigentes no tempo presente, os Estudos Africanos e Pós-coloniais não tiveram interesse em analisar a opressão de gênero e as formas de repressão da homossexualidade nas sociedades africanas (BUSSOTTI; TEMBE, 2014). Desta forma, outras expressões de dominação, de hierarquia e de poder, internas às sociedades africanas, não foram visibilizadas, nem se tornaram, nesta perspectiva, objeto de análise crítica e de contestação. O historiador do Malawi, Paul Tyambe Zeleza, aponta para esta leitura unívoca dos Estudos africanos anticolonialistas, segundo os quais a única forma pertinente de dominação era a colonização, excluindo outras formas internas de relações de poder, como a opressão das mulheres e das sexualidades dissidentes. Como explica Tyambe Zeleza, “a historiografia nacionalista era essencialmente política e elitista. Ela tinha pouco para dizer sobre as massas, homens e mulheres, ou sobre a história social e econômica. Quase sempre, discutiu-se sobre a exploração e sobre a opressão unicamente em relação ao colonialismo. Assim, na sua epistemologia, a historiografia nacionalista não tinha nem os instrumentos conceituais, nem a orientação ideológica para tratar das hierarquias, da exploração e das lutas de classe ou de gênero na história africana” (ZELEZA, 2010: 358). Se, então, tais linhas historiográficas não abordam “a história e a opressão das mulheres” (ZELEZA, 2010: 358), ainda menos têm recursos teóricos para enfrentar a opressão das sexualidades dissidentes.

Em seu livro sobre a África contemporânea, *De la Post-colonie. Essai sur l’imagination politique dans l’Afrique contemporaine*, o filósofo e cientista político camarunês, Achille Mbembe afirma que o conflito não se reduz à oposição ao inimigo externo, mas atravessa o contexto da pós-colônia, mostrando que as relações de poder são intrínsecas ao mundo colonizado. Como ele escreve, os discursos nacionalistas anticoloniais fazem da oposição colonizador/colonizado “o paradigma, em última instância, do político nas sociedades não europeias”, e, assim, “ocultaram a intensidade da violência entre irmãos e o estatuto problemático da irmã e da mãe, no seio da irmandade” (MBEMBE, 2000: XI). Em relação à homossexualidade, Mbembe afirma que a mesma existia desde as antigas sociedades africanas, onde ela representava um tipo de sexualidade desvinculada da reprodução, mas que tinha também funções rituais e de confraternização.

Uma análise que envolva os marcadores de gênero e sexualidades, além dos de etnicidade, classe e colonialidade, nos contextos africanos, implica uma reconsideração do mapa das relações de poder e das maneiras múltiplas e imbricadas nas quais elas atuam sobre os corpos de sujeitos e coletivos. Como afirma Mbembe, numa entrevista com a filósofa feminista, Elsa Dorlin, trata-se de “examinar o tipo de forças que, após a colônia, se exercem sobre os corpos dos sujeitos proclamados independentes e o tipo de sensações que estas forças suscitam” (DORLIN/MBEMBE, 2007: 144).

Por sua vez, influenciados por visões afro-pessimistas e pelos imaginários vitimistas sobre a “África homofóbica”, os estudos Queer ocidentais ignoram e marginalizam as contribuições africanas (CLARKE, 2013). A imagem estereotipada de uma África tradicionalista e atrasada, onde as práticas sexuais são rigidamente fixadas no quadro da heterossexualidade normativa e compulsória constitui um preconceito muito difundido nos grupos LGBTQ do mundo ocidental. As questões sexuais e de gênero tornam-se, assim, em muitos casos, um elemento cultural de primária importância que separaria o Ocidente progressista e democrático do Oriente/Sul atrasado, preconceituoso e violento.

O projeto se coloca em sintonia com as diretrizes da UNILAB, que afirmam os princípios da interculturalidade e promovem uma cultura do respeito e da integração. Nesta direção, é preciso enfatizar

que, no contexto específico desta universidade, uma reflexão teórica, que vise a interseccionar estudos africanos e estudos sobre sexualidades dissidentes, permite fortalecer uma visão plural e dinâmica das identidades e da necessidade de reconhecer os diferentes grupos, possibilitando diversos caminhos e maneiras, especificamente para mulheres e pessoas LGBTQI, afirmarem suas próprias lutas e reivindicações, sem, porém, renunciar ao próprio pertencimento étnico e cultural. Sendo cadastrado na área de filosofia, este projeto possui uma explícita vocação interdisciplinar e transdisciplinar, articulando o plano da reflexão teórica e epistemológica sobre a categoria de interseccionalidade e a gênese de processos interligados de dominação/opressão com as análises da crítica queer pós-colonial, que lê as questões de gênero e sexualidades no prisma das desigualdades sociais, no quadro político internacional.

A implementação deste projeto traz ganhos sensíveis para os cursos do Instituto de Humanidades e Letras, precisamente, os cursos de Humanas, e esteve vinculado a disciplinas optativas voltadas para os estudos de gênero e sexualidades, a partir de uma perspectiva pós-colonial. Aos alunos vinculados ao projeto tiveram benefícios com as atividades em grupo, para a leitura, o estudo e a compreensão dos textos principais trabalhados, assim como, de oficinas de treinamento para traduzir artigos em línguas estrangeiras (inglês e francês). Com este projeto, houve também retornos significativos no fortalecimento da área dos Estudos sobre Gênero e Sexualidades, na UNILAB, mantendo uma sólida articulação com os Estudos Africanos e Pós-coloniais. Através do fortalecimento destas áreas de ensino e de pesquisa é também possível tecer novas redes de colaboração entre os professores da instituição.

METODOLOGIA

Eu, bolsista, e a coordenadora do projeto, a professora, Dr. Caterina A. Rea, juntos, concentramos nossos esforços nas atividades de tradução, análise e revisão de textos em inglês que interseccionam queer theory, gênero e sexualidades no cenário do continente africano e micro políticas LGBTQI em África, afim de organizar o livro "Traduzindo a África Queer" a ser publicado entre o fim deste ano e o começo do próximo, pela Editora Devires de Salvador. Tivemos reuniões de traduções semanais, geralmente, nas quartas-feiras ou sextas-feiras, pela manhã. Realizamos os seguintes passos: 1 - Selecionamos os textos, a serem lidos e traduzidos, da coletânea Queer African Reader, organizada pelas ativistas africanas Sokari Ekine (Nigéria) e Hakima Abbas (Egito). Os textos foram lidos e comentados em diálogos abertos do grupo, durante os encontros presenciais. Durante estes encontros, nos concentramos na tradução de dois textos, o de Sibongile Ndashe e o de Gathoni Blessol. O restante dos artigos foram traduzidos com a contribuição de várias/os docentes da UNILAB e da UFBA. 2 - Junto com a orientadora, foi feito contato com as autoras cujos textos foram traduzidos pela equipe do projeto, no intuito de pedir a autorização para a publicação da tradução. 3 - Reportamos abaixo o plano do livro que consta de onze textos traduzidos e de uma apresentação redigida pela coordenadora do projeto e pela Equipe do Grupo de Pesquisa: 1. O Queer African Reader e sua atualidade para o debate sobre dissidência sexual e teoria queer em uma perspectiva Sul-Sul (Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB; Clarisse Goulart Paradis/FEMPOS/UNILAB; Izzie Madalena Santos Amancio/FEMPOS/UNILAB) 2. Sokari Ekine; Hakima Abbas - A proposta do Queer African Reader (trad. Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB) 3. David Kato Kisule - Um ensaio (trad. Felipe Fernandes/GIR@UFBA) 4. Awino Okech - Sobre sororidade e solidariedade: tornando queer os espaços do feminismo africano (trad. Clarisse Goulart Paradis/FEMPOS/UNILAB) 5. Lyn Ossome - Discursos pós-coloniais do ativismo Queer e de classe na África (trad. Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB) 6. Ola Osaze - Caster corre para mim (trad. Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB) 7. Sibongile Ndashe - A história única da homofobia africana é uma história perigosa para o ativismo LGBTI (trad. Caterina Rea, Izzie Madalena Santos Amancio e Equipe do FEMPOS) 8. Autorexs varixs - Manifesto LGBTI africano/declaração (trad. Thamy Ayouch/Université Denis Diderot, Paris VII) 9. Bernedette Muthien - Queerizando as fronteiras: uma perspectiva ativista Afrikana (trad. Caterina Rea/FEMPOS/UNILAB) 10. Gathoni Blessol - Lutas LGBTI Queer como outras lutas em África (trad. Caterina Rea, Izzie Madalena Santos Amancio e equipe do FEMPOS) 11. Keguro Macharia - O Quênia Queer na lei e na

política (trad. Sergio Rodrigo Ferreira GIGA/UFBA) 12. Jessie Kabwila - Olhando para além dos binarismos coloniais: desfazendo o discurso sobre a homossexualidade no Malawi (trad. Tatiana Ivette Carrascal/UNILAB e Carolina Barbosa Pereira, UFBA) Nós do grupo FEMPOS nos empenhamos na organização de atividades que envolvessem a universidade de forma ampla. Foram desenvolvidas as seguintes atividades abertas: - Roda de conversa com a doutoranda e ativista Caroline Betemps, com o tema Feminismos Transnacionais. A roda de conversa contou com aproximadamente trinta pessoas, da UNILAB-Campus dos Malês e alunos da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) de variados cursos, geografia, história, artes visuais, pedagogia, filosofia e professores das respectivas universidades. A atividade ocorreu na quadra de esportes, na tarde do dia 27 de novembro de 2017. - Palestra com Johanna Monagreda e Larissa Gomes, ambas doutorandas da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), cujo tema foi Feminismo e Instituições Políticas: debates atuais. Ocorreu no dia 05 de fevereiro de 2018, no auditório dos Malês. - Organização da palestra da pesquisadora francesa Natacha Chetcuti Osorowiz sobre "Vigiar e punir o gênero: qual é a condição da palavra no mundo carcerário para as mulheres condenadas a longas penas?", no dia 09/04/2018, das 10:15 às 12:15. - Jornada FEMPOS que foi uma atividade pensada para finalizar o plano de trabalho, no qual foi discutido os resultados alcançados com o projeto. Para a jornada FEMPOS aconteceu no auditório do campus dos Malês, entre 12H e 17H do dia 29 de agosto (2018), na programação tinham três mesas de discussões: a primeira com as duas editoras do livro que traduzidos, a professora Caterina A. Rea e a professora Clarisse Paradis na qual apresentaram a proposta do livro e sua relevância, a segunda mesa foi composta por mim, a bolsista, apresentei os resultados do projeto, e a última mesa composta por convidados estudantes da UFBA (Universidade Federal da Bahia), Igor Leonardo, Rodrigo Márcio, Theo Pitanga e Yuna Silva que trouxeram discussões à respeito das diversidades sexuais, homofobias, transfobias e demais interseções. - No mês de março, participei de um Grupo de Trabalho, na UFBA, durante o Fórum Social Mundial. O grupo de trabalho, "Pós-colonialidade, Feminismos e Epistemologias Anti-hegemônicas" foi organizado pela coordenadora do projeto no intuito de apresentar as principais linhas de pesquisa desenvolvidas pelo FEMPOS. Na ocasião, apresentei o projeto de pesquisa "Diversidade sexual, homofobia e debate sobre teoria Queer em contextos africanos: uma primeira abordagem".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diversos foram os resultados obtidos com este projeto, entre eles talvez o maior, seja a produção do livro "Traduzindo

a África Queer" que está previsto para ser publicado entre o fim deste ano e o início do próximo. Outro resultado importante a ser destacado é a vinda de dois dos autores do Queer African Reader (Awino Okech e Ola Osaze) para o próximo Congresso Internacional da ABEH (Associação Brasileira de Estudos de Homocultura), que se desenvolverá do dia 28 ao dia 30 de Novembro, em Fortaleza. O convite feito pela ABEH, através da coordenadora deste projeto, à feminista queniana, Awino Okech, e ao ativista nigeriano, Ola Osazie, testemunha da importância reconhecida, na academia brasileiro e no campo dos estudos sobre gênero e sexualidades, das contribuições que vêm do continente africano. É minha intenção participar deste congresso, apresentando um trabalho no GT intitulado "A chegada da Teoria Queer na África". Trabalhar no desenvolvimento deste projeto de pesquisa me possibilitou o contato com uma língua estrangeira, o inglês, língua que não dominava, mas que com os processos de traduções e a participação de grupo de estudo e aula online de inglês, passei a ter um vocabulário bem maior deste idioma. Recebi treinamento e passei a ser uma das editoras do livro que publicaremos. Participei de todos os processos de construção desde ao contato com as autoras, às traduções, os convites para tradutores que se dispusessem a contribuir com o projeto do livro, questões de direitos autorais e o trabalho de organização e tradução de textos. Indo ainda mais fundo nos resultados obtidos, me deparei com a necessidade de deslocar meus pensamentos à territórios outros com perspectivas que horas se aproximam horas tangenciam. As traduções do Queer African Reader, editado por Sokari Ekine e Hakima Abbas, publicado em 2013 pela editora Pambazuka, nos possibilita compreender melhor os contextos específicos de África. A autora Hakima Abbas nos revela que este conceito do Queer ao

pensar a África e ao ser pensado em África deve passar por um processo de ressignificação, pensando ali a intersecção com a luta contra o neoliberalismo e o neocolonialismo. Ou seja, além de remeter para formas de dissidência sexual e de gênero, o termo Queer, também, indica a oposição a outros sistemas de dominação que atingem as populações africanas. A autora aponta ainda a como o queer pode contribuir para o fortalecimento de identidades locais.

Os textos traduzidos trazem à tona uma imagem não homogênea do continente Africano, em que tais autores irão apresentar as perspectivas queer a partir de contextos locais. Se a África não é um continente de paraísos LGBT's, também não podemos enxergá-la, de forma unívoca e uniforme, como um lugar extremamente LGBTfóbico. Ao romper com o silêncio, no que tange a esta produção do Reader (2013) que é por si uma insurgência queer africana que reivindica seus contextos de existências, apesar da forte tentativa de silenciar estas existências, principalmente por parte das agendas de ONG's e internacionais LGBT's em África, que atuam com uma perspectiva "salvacionista" ocidental. As/os autoras/es do Queer African Reader reivindicam suas existências e vividas para as sociedades africanas, enfrentando os discursos tradicionalistas locais que expulsam, criminalizam e tentam invisibilizar as práticas afetivas-sexuais plurais do continente. Traduzir o Queer African Reader é ver que ainda se tem uma imagem de África homogeneizada, de um olhar único e estrangeiro voltado à África que deste modo, reduz às práticas e existências do contexto africano. Também, uma das nossas discussões debruçadas no livro traduzido é o modo pelo qual as categorias ocidentais estão sendo impostas à contextos africanos por meio de ONG's, grupos LGBT's fora de África que desconhecem, ignoram o que conhecem e não se reconhecem em práticas particulares africanas locais. Tivemos a ideia de resgatar o conceito de Dissidência Sexual e de Identidade de Gênero para ampliar o olhar sobre essas práticas africanas que daqui, do lado de fora de África, são pouco conhecidas e valorizadas em sua diversidade. Ampliando os olhares, nos deparamos com realidades descritas no Queer African Reader de que as pessoas que praticam a dissidência sexuais e que têm identidades de gênero não conformes são consideradas como "estrangeiras", por parte dos tradicionalistas que não reconhecem suas existências e práticas de vida. De fato, na maioria dos países africanos e, particularmente, os de colonização britânica, existem legislações que criminalizam e discriminam quem não se conforma com a norma heterossexual. A coordenadora deste projeto, sempre me lembrava a não perder de vista o olhar em nossas produções dentro do plano de bolsista e do contexto da UNILAB no qual estamos inseridas. Aos poucos, percebi que muitas eram as contribuições deste projeto para as missões e projeto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, entre elas está o pensar os corpos da integração que compõem a universidade e suas pluralidades e possibilidades de (re) existências, através do rompimento de um olhar generalizador que invisibiliza as práticas homoeróticas no continente africano. Um dos objetivos do projeto se deu ao fortalecer e ampliar a linha de pesquisa em Estudos de Gênero, Estudos Feministas e sobre Sexualidades Dissidentes e suas intersecções com o campo dos Estudos Africanos.

CONCLUSÕES

Consideramos que este projeto de pesquisa é muito importante para a UNILAB, uma vez que esta privilegia a integração entre Brasil e África. O debate sobre diferentes práticas e vivências no campo do gênero e da sexualidade é um tema recorrente entre os alunos da UNILAB, e muitas tensões têm já se manifestado, entre alunos africanos e brasileiros, relativamente às maneiras de tratar as mulheres e as minorias sexuais, nos contextos africanos e no Brasil. É preciso, desta forma, elaborar sólidos argumentos, com a ajuda de textos teóricos da área de estudos feministas e queer, para desconstruir discursos preconceituosos, tanto de ordem homofóbica, quanto de ordem xenofóbica ou racista. O projeto prolonga e continua as discussões já realizadas no projeto PIBIC 2015/2016 sobre a noção de interseccionalidade e a imbricação das relações de poder e de dominação. É este modelo interseccional que precisamos trazer à baila para uma leitura mais crítica e complexa do fenômeno da homossexualidade e de uma prática teórica queer na África. O projeto se coloca em sintonia com as diretrizes da UNILAB, que afirmam os princípios da interculturalidade e promovem uma cultura do respeito e da integração. Nesta direção, é preciso enfatizar que, no contexto específico desta universidade, uma reflexão teórica, que vise a interseccionar estudos africanos e estudos

sobre sexualidades dissidentes, permite fortalecer uma visão plural e dinâmica das identidades e da necessidade de reconhecer os diferentes grupos, possibilitando diversos caminhos e maneiras, especificamente para mulheres e pessoas LGBTQI, afirmarem suas próprias lutas e reivindicações, sem, porém, renunciar ao próprio pertencimento étnico e cultural. Sendo cadastrado na área de filosofia, este projeto possui uma explícita vocação interdisciplinar e transdisciplinar, articulando o plano da reflexão teórica e epistemológica sobre a categoria de interseccionalidade e a gênese de processos interligados de dominação/opressão com as análises da crítica queer pós-colonial, que lê as questões de gênero e sexualidades no prisma das desigualdades sociais, no quadro político internacional. A implementação deste projeto trouxe ganhos sensíveis para o curso de Bacharelado em Humanidades e estará vinculado a disciplinas optativas voltadas para os estudos de gênero e sexualidades, a partir de uma perspectiva pós-colonial. Os alunos vinculados ao projeto se beneficiaram de atividades em grupo, para a leitura, o estudo e a compreensão dos textos principais a serem trabalhados, assim como, de oficinas de treinamento para traduzir artigos em línguas estrangeiras (inglês e francês). Com este projeto, houve também retornos significativos no fortalecimento da área dos Estudos sobre Gênero e Sexualidades, na UNILAB, mantendo uma sólida articulação com os Estudos Africanos e Pós-coloniais. Através do fortalecimento destas áreas de ensino e de pesquisa será também possível tecer novas redes de colaboração entre os professores da instituição.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todxs que de alguma forma contribuíram para o projeto PIBIC 2017-2018: Diversidade sexual, homofobia e debate sobre teoria Queer em contextos africanos: uma primeira abordagem.

Agradeço a coordenadora do projeto Caterina Rea pela credibilidade em confiar à bolsa de pesquisa, incentivo e participação, bem como, a professora Clarisse Goulart Paradis que vem sendo conosco o FEMPOS.

Agradeço a instituição, UNILAB (adms, discentes, docentes, técnicos e terceirizados) que se envolveram até o último momento de desenvolvimento deste projeto, lembro aqui de Ivanyele do corpo técnico da UNILAB-Ceará que durante esses doze meses se fez uma excelente servidora pública.

À bolsista de extensão Edneusa Diamantino Cá minha parceira de trabalho.

Esta força vem de raízes firmes, tudo às ancestrais e minha família.

Gratidão a todxs!

REFERÊNCIAS

BUSSOTTI, Luca; TEMBE, António. A homossexualidade na concepção afrocentrista de Molefi Kete Asante: entre libertação e opressão. Revista Ártemis, vol. XVII, N. 1, pp. 15-24, jan-jun, 2014.

EKINE, Sokari; ABBAS; Hakima (orgs.). Queer African Reader. Dakar/Nairobi/Oxford, Pambuzuka Press, 2013. 454, p.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008, 191, p.

MACHARIA, Keguro. Homophobia in Africa is not a single story. The Guardian, 26 de maio de 2010.

MATEBENI, Zethu. Reclaiming Afrikan. Queer Perspectives on sexual and genderIdentities. Athlone: Modjaji Books, 2014.

MBEMBE, Achille. De la postcolonies. Essai sur l'imaginaire politique dans l'Afrique contemporaine. Paris: Karthala, 2000.

_____. Entretien avec Sylvain Trevoz. Langa Research and Publishing Common Initiative Group, 2012. www.langaa-rpcig.net/+Achille-MBEMBE-Entretien-avec+.html Visto em 10/06/2016.

_____. Sair da grande noite. Ensaio sobre a África Descolonizada. Luanda: Edições Mulemba, 2014, 200 p.



MBEMBE, Achille; DORLIN, Elza. Décoloniser les structures psychiques du pouvoir. Erotisme raciste et postcolonie dans la pensée d'Achille Mbembe. *Mouvement*, n. 51, set/out, pp. 142-155, 2007.

LUGONES, Maria. Rumor a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, 22 (3), pp. 935-952, setembro-dezembro, 2014.

PUAR, Jasbir. Homonacionalismo como mosaico. *Viagens virais, sexualidades afetivas. Revistas Lusófonas de Estudos Culturais*, v. 3, n. 1, pp. 297-318, 2015.

ZELEZA, Paul, Tyambe. Discrimination de genre dans l'historiographie africaine. In: VERSCHUUR, Christine (org.). *Genre, postcolonialisme et diversité des mouvements de femmes*. Paris: L'Harmattan, pp. 355-374, 2010.